

## LITERATURA CATARINENSE: LIBERDADE PARA SER AUTOR

*Celestino Sacht (UFSC)*

*"Visto que somos um 'continente sob intervenção', cabe à literatura latino-americana uma vigilância extrema, a fim de não ser arrastada pelos instrumentos e valores da cultura de massa, que seduzem tantos teóricos e artistas contemporâneos"*

*Antônio Cândido<sup>1</sup>*

### 1. O Brasil e as Literaturas Brasileiras

Transformo o título em perguntas: "Existe uma literatura catarinense"? "É possível levá-la à discussão nos corredores e salas de aula da Universidade ou em cursos de literatura"?

Rubem Fonseca, em um de seus contos, chega a escrever:

*Existe uma literatura latino-americana? Não me faça rir. Não existe nem mesmo uma literatura brasileira, como semelhanças de estrutura, estilo, caracterização, ou lá que seja. Existem pessoas escrevendo na mesma língua, em português, o que já é muito. Eu nada tenho com Guimarães Rosa.<sup>2</sup>*

Tomando como ponto de entrada esta premissa que assusta e desinstala – e só para tentar uma conceituação de, pelo menos, Literatura Brasileira – parece necessário pedir ajuda à Filosofia, à Sociologia e à Estética ou, para deixar mais claros os resultados da investigação, pedir emprestadas idéias de Afrânio Coutinho, de Vianna Moog e de Antônio Cândido.

Em uma conferência, proferida em Buenos Aires, em 1939, o filósofo espanhol Ortega y Gasset, o grande autor de *Que é filosofia*, ba-

seado na doutrina de "eu sou eu e minhas circunstâncias" e no pensamento de Heidegger que "viver é encontrar-se no mundo" e, ainda, que "viver é constantemente decidir o que seremos", Ortega y Gasset, dizia, lança a hipótese de que, na América, "os conquistadores ibéricos já são os primeiros conquistados"<sup>3</sup>, isto é, na disputa europeia pelo espaço americano, o índio indigeniza Espanha e Portugal.

A tese, no Brasil, já havia sido tomada por Araripe Júnior, com a idéia da "obnubilação brasílica" do europeu ao falar da ação exercida pela nova terra sobre a psicose e a psicologia do colono conquistador. E, citando Buckle, ainda no mesmo texto, Araripe Júnior concorda que "nas civilizações exteriores à Europa, a natureza conspira para aumentar a influência das faculdades imaginativas e enfraquecer a razão". Nesse caso, "adelgaçaram-se, atenuaram-se todas as camadas de hábitos que subordinaram o homem à civilização, abriu-se uma fenda na estratificação da natureza civilizada, para dar passagem à influência do ambiente primitivo."<sup>4</sup>

O crítico brasileiro Afrânio Coutinho embarca nas idéias de Araripe Júnior e de Ortega y Gasset ao tomar como pressuposto teórico a **brasilidade** de nossa literatura nascente. Desde as primeiras manifestações e desde o primeiro momento da chegada à América do colono português ocorre uma transformação da mentalidade dos habitantes, "tudo provocado pela nova situação histórica e geográfica.

*É a origem da literatura brasileira em pleno estilo barroco.  
Não é colonial. É apenas barroca.*<sup>5</sup>

A posição de uma literatura que é **brasileira** desde as primeiras manifestações, porque é brasileiro quem a produz, encontra o tranqüilo e multiplicado seguidor contemporâneo Vianna Moog ao deparar, hoje, ou pelo menos em 1942, não uma, mas sete literaturas regionais brasileiras. É que o autor de *Um rio imita o Reno* soma a Filosofia do "eu sou eu e minhas circunstâncias" com Ortega y Gasset e Comte para que a hipótese se transforme em "eu sou eu na vivência dos fenômenos sociais". E, então, a literatura passa a ser um fato social, na própria definição de Durkheim: os fatos sociais consistem em um modo de agir, pensar e sentir, externos ao indivíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual se impõem.

Em Vianna Moog,

*como não estamos em presença de uma unidade homogênea e definida ao jeito das literaturas européias, para compreender e interpretar a literatura brasileira, é preciso, antes de tudo, renunciar ao intento de abrangê-la como um todo, numa visada geral. E sobretudo, encarar com reservas o processo cronológico, à luz do qual ela tem sido até agora estudada.*<sup>6</sup>

Como sentiu o tempo de uma nova interpretação da Literatura Brasileira, o pensador gaúcho propõe uma nova análise a partir das sete ilhas culturais que integram o arquipélago verde-amarelo.

*Fragmente-se o Brasil em regiões onde predominem o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas formas de produção e onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade e pode-se ter a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido, formando como que uma unidade à parte no conjunto da literatura brasileira.*<sup>7</sup> (Adaptado)

E porque o Brasil é um arquipélago, é possível navegar entre e dentro de sete ilhas culturais, mais ou menos individualizadas:

- a Amazônia, com os valores telúricos;
- o Nordeste, com a tendência social;
- a Bahia, com o eruditismo;
- Minas, com a supervalorização da cultura;
- S. Paulo, com o bandeirantismo;
- o Rio Grande do Sul, com o "cenário virgiliano de pastores e de rebanhos";
- o Rio de Janeiro, com "seu poder de temperar e de corrigir culturas".<sup>8</sup>

Esta idéia de uma Literatura Brasileira multiplicada em sete virtudes – ou em sete pecados capitais – encontra um intranquilo contestador em Antônio Cândido, professor da USP e crítico de muito prestígio nos meios universitários.

O autor de *A educação pela noite e outros ensaios* manda-nos encarar serenamente "o nosso vínculo placentário com as literaturas européias, pois ele não é uma opção, mas um fato quase natural".

*Jamais criamos quadros originais de expressão, nem técnicas expressivas básicas. E embora tenhamos conseguido*

*resultados originais no plano da realização expressiva, reconhecemos implicitamente a dependência.*<sup>9</sup>

Admitida como natural a nossa dependência,

*torna-se forma de participação e contribuição a um universo cultural a que pertencemos que transborda as nações e os continentes, permitindo a reversibilidade das experiências e a circulação de valores.*

E mesmo o Modernismo de 1922 não marca a nossa maioria literária pois ele "é mais verdadeiro como fato psicossocial do que como realidade estética".

## **2. Literatura Catarinense: uma outra Literatura Brasileira**

As reflexões acima levam-nos a concluir que, para Afrânio Coutinho, sempre existiu uma literatura brasileira; para Vianna Moog, existem sete brasílicas literaturas e para Antônio Cândido, ainda não existe uma autêntica e original literatura brasileira. E, então, como falar de uma literatura catarinense?

Claro que não existe entre nós, terras e gentes de Santa Catarina, aquela esteticidade literária capaz de identificar-nos "sem dependência estética exterior". Claro que não existe entre nós, terras e gentes olhando para a Argentina, no Peperi-Guaçu; mergulhando no Atlântico entre São Francisco e o Mampituba; curtindo pinheirais no Iguaçu ou comendo churrascos nas bordas de S. Joaquim, Lages e nas barrancas do Uruguai, claro que não pode existir entre as sete nações catarinicas uma literatura com acentos pessoais nítidos e exclusivos, ou com aquele sentido vivo e orgânico que caracteriza as manifestações culturais dos sete povos brasileiros de Vianna Moog.

Mas não se pode negar, com certeza, não se pode negar de nós, gentes e terras de Santa Catarina a capacidade de fazer literatura com uma especificidade que não vai ser encontrada em qualquer esquina desta tresloucada república.

No confronto entre as idéias acima de Afrânio Coutinho, de Vianna Moog e de Antônio Cândido parece claro que, nos dias de hoje, correm, estão nascendo uma Ética e uma Estética novas com as quais teremos que medir nossos conceitos de Bem e de Mal; de Certo e de Errado; de Fragmento e Todo; de Valor e Anti-Valor; de Literatura e Não-Literatura; de Luxo e de Lixo.

Os juízos de apreciação desses novos conceitos de Ética-Estética, neste final de século XX parecem inclinar-se para:

- a liberdade e a aceitabilidade da auto-expressão, e não a hetero-análise dita qualitativa elaborada por uma hetero-expressão;
- a valorização do Eu-fazer (aquele que produz) que não se subordina à hierarquização do Alter-iudex (aquele que julga);
- a criação auto-gestionária e não a adoração hétero-autoritária;
- a co-autoria entre o Criador e o Fruidor;
- a desmitificação da qualidade-autoridade;
- o pluralismo crítico em oposição ao unitarismo tecnicista.

Do ponto de vista da Estética, como exige Antônio Cândido, não existe uma literatura catarinense porque, sequer, existe uma individualidade própria na Literatura Brasileira. Agora, dentro dos pressupostos acima, existe, sim, uma Literatura, entre nós, terras e gentes de Santa Catarina, uma literatura definidora de uma consciência e de uma proclamação de valores próprios, relacionados com a busca de uma identidade sócio-cultural diferenciadora dentro do universo brasileiro.

E o Vale do Itajaí nos dá exemplos à saciedade. Que autor brasileiro é semelhante ao **Guarda-roupa alemão**, de Lausimar Laus, ao **Verde vale** de Urda Kluger, aos poemas com cheiro de rio e de olhos azuis de Lindolf Bell? Fora do Vale, que autor brasileiro apresenta a açorianidade de **Rocamaranha** ou de **Arca açoriana**, de Almiro Caldeira?

A literatura que fazem os catarinenses não pode ser medida com os critérios estéticos de uma rigorosa crítica aplicada a Machado de Assis, a Drummond, ou a Guimarães Rosa. A literatura que fazemos, e aquela que os catarinenses precisam fazer, tem que ser vista e respeitada como um patrimônio de nossas terras e de nossas gentes, onde o que importa não é a Arte da Estética mas a Práxis da Cultura.

"Todo escritor deve escrever para seu povo", diz J.J. Veiga, autor de **A hora dos ruminantes**.

A literatura contemporânea de Santa Catarina precisa ser analisada, não no valor isolado de um autor ou de uma obra mas no conjunto de toda a produção/manifestação de uma forma de ser, de pensar e de agir.

### 3. A "Idéia Nova" e a "Velha Guarda"

Em 1847, publica-se em Florianópolis – então Desterro – o primeiro livro de autor catarinense: *Assembléa das aves*, de Marcelino Antônio Dutra (1809-1869). Em quatro cantos, cada um com 33 estrofes de 4 versos heptassilábicos, com muitas expressões camonianas – "bretão meridiano", "do plúmeo povo o direto", "já da capricórnica meta se afasta o grande luzeiro" – o Autor faz destilar as invejas, as raivas, os ódios, as confabulações, as ambições do ambiente político em vésperas da eleição de um deputado às Cortes.

A apresentação, a estrutura, a técnica, a temática e a própria filosofia do poemeto parecem fotocópia (mal realizada) de *Os lusíadas*.

A geração seguinte deixa-se embalar pelas águas de um Romantismo já gasto na Corte e caduco na Europa, com versos do tipo: "És a fada famosa / De inevitável condão o, És a rainha orgulhosa / Que me preme o coração / És puro tipo de amores / Daqueles que eu não sentia, / Porque um ferver de amargores / Secara-me d'alma as flores".

Contudo, e ainda bem, uma luta entre duas gerações literárias solta pólvoras com cheiros de "bom gosto e bom senso", quando Francisco Luís da Gama Rosa, médico e intelectual da Corte, chega às nossas costas, em agosto de 1883, para assumir a Presidência da Província e para dirigir corações e mentes de jovens intelectuais barrigas-verdes.

O novo Líder, homem de cultura e versado em novidades filosóficas e literárias do Decadentismo francês, das teorias evolucionistas de Spencer, dos versos simbolistas de Mallarmé, Rimbaud e Edgar Poe e da ficção-Realismo Eça de Queirós, vê-se logo cercado pelos "modernos" da Ilha: Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueredo, Cruz e Sousa, defensores da ideologia liberal, da idéia republicana e da abolição da escravatura.

Em 10 de janeiro de 1884, o jornal "A Regeneração" publica o soneto "Alerta", escrito por Virgílio Várzea, no qual a seara literária da Província vê-se partilhada entre duas gerações de trabalhadores: a Idéia Nova e a Velha Guarda. Os dois grupos entram em choque por causa do "forte alexandrino" e do "velho Romantismo"; do Evolucionismo dos "tontos pessimistas"; das idéias de Spencer/Zola e dos escritos de Alexandre Dumas e Victor Hugo.

Com o grupo da "Idéia Nova" e com seu manifesto "romântico-fágico", a "Guerrilha Literária Catarinense" teve a sua "grande fase ascensional e de suprema expansão". Já desde 1882, Virgílio Várzea vinha acendendo pelos jornais uma "guerrilha" contra a superada e gasta cantilena romântica. A certa altura, o jovem autor de *Tropos e fantasias* e o

velho "romântico" Eduardo Nunes Pires entram em desforço pessoal, sem que a crônica do "encontro" defina claro o preclaro vencedor.

A "Idéia Nova" da Pré-República dos Anos Oitenta é a chama que alimenta alguns "velhos" da Geração da Academia na tentativa de consumir os "novos" do Grupo Sul, aqui encontrados no final dos Anos Quarenta, com Salim Miguel, o "turco", e com Aníbal, mais uma vez, Nunes Pires.

#### 4. A Modernidade e o "Grupo Sul"

"Modernismo" e "Pós-Modernismo" são a linha da força gravitacional que movimentam a Literatura Catarinense, tomadas as expressões como a duas pontas, uma que nasce em 1945 e a outra que percorre já os Anos Noventa deste final de milênio.

Vem de muito longe, no tempo, o conceito de "moderno". Em 1687, Charles Perrault, da Academia Francesa oferece a chave para um adequado entendimento do conceito e da palavra: a Natureza, sempre igual a si mesma, em cada século, produz criaturas-gênio. E este gênio do presente, o **moderno**, conhece mais e melhor do que o gênio do passado. Por esta razão, o Hoje é superior ao Ontem.

Assim: moderno é um novo tempo passageiro dentro da permanência do mesmo espaço. Moderno é o tempo profano do presente no templo sagrado do passado. É moderno Deus-Pai quando resolve romper com a situação por ele mesmo criada: uma terra sem forma e vazia um mundo de trevas sobre a face do abismo. "Disse Deus: haja luz; e houve luz"<sup>10</sup>. É moderna Eva que rompe com a ordem, desumana, de não comer do fruto da melhor árvore; é moderno Prometeu quando rouba o fogo do Olimpo divino para trazê-lo à Terra dos Homens; no Brasil do século passado, é moderno D. Pedro I, ao arrancar a Colônia das gulas reais de D. João, o VI, por sinal o próprio Pai. Nos tempos de hoje, segundo Hélio Jaguaribe

*o que está em jogo é a polarização entre o moderno e o arcaico. São arcaicas todas as modalidades de direita que pretendam, de uma forma ou de outra, assegurar a manutenção de privilégios de casta ou de classe. São igualmente arcaicas todas as modalidades da esquerda que preconizam formas burocráticas e estatizantes para a economia e a sociedade.<sup>11</sup>*

Em resumo: é arcaico o Lula; foi moderno o Gorbachev.

Moderno é um pensamento em trânsito; é um fazer-em-marcha contra um "já-feito"; é um utópico não contra um ideológico sim; é uma verdade que parece mentira contra uma mentira com cara de verdade.

O teórico inglês Perry Anderson entende que o Modernismo Europeu, das duas primeiras décadas deste século, caracteriza-se pela conjugação de três fatores:

- vigência de um academicismo estético altamente formalizado;
- emergência de tecnologias ou inovações-chaves decorrentes da Segunda Revolução Industrial: telefone, rádio, avião;
- proximidade imaginativa da revolução social.<sup>12</sup>

E, então, o Modernismo ter-se-ia constituído pela negação do Academicismo dominante e combinando, em seu arcabouço ideológico, o fascínio pelas inovações tecnológicas e a perspectiva da Revolução iminente. O Modernismo floresce, assim, num espaço situado entre um passado clássico ainda utilizável, um presente técnico indeterminado e um futuro ainda imprevisível.

Enquanto o Modernismo Europeu convive com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o Brasileiro tenta manter-se nas Entre-Guerras (a partir de 1922), o Modernismo Catarinense explode com o término da Segunda Guerra (1938-1945) que é quando, mais ou menos, as nossas letras vão sendo esmagadas por um academicismo dominante e quando um futuro melhor parece abrir-se com a Faculdade de Direito de José Boiteux, em 1932 e com a Faculdade de Filosofia do professor Henrique Fontes, em 1948.

No segundo quinquênio dos Anos Quarenta, três grupos de intelectuais movimentam as ondas do poder cultural do Estado, mais a partir da Ilha-Capital, do que das demais ilhas-arquipélago. E, numa quase paráfrase de Oswald de Andrade, no célebre poema<sup>13</sup>, vou batizá-los de "Grupo Sol", "Grupo Sal" e "Grupo Sul".

"Grupo Sol", grupo de "velhos" do Passado, saídos da Geração da Academia Catarinense de Letras - fundada em 1920 - para os quais a Literatura ainda tem que alimentar-se do Realismo de Eça de Queirós, o modelo Português, e de Olavo Bilac, o modelo do Parnasianismo Brasileiro, com o crítico Altino Flores, de vara e lápis vermelho em punho, a deblaterar contra ousados e ignorantes que têm a coragem de romper o código de trânsito defendido pelo Cenáculo dos Quarenta; o "Grupo Sal", mais de advogados e de professores do que de literatos e críticos, a fermentar páginas de jornais e de revistas com peças literárias e filosóficas e, até, resultados de pesquisa no campo da História: Henrique

Fontes, Othon d'Eça, Oswaldo Cabral e Gustavo Neves, entre os mais assíduos; "Grupo Sul", no final da década, com as mangas e a língua de fora, metido no Teatro, no Cinema, na Crítica, na Ficção, no Poema, no Jornal, com a "Folha da Juventude" e com o "Cicuta", este último, folha datilografada, edição de 6 a 8 exemplares em cada uma das 4 tiragens de 4 páginas por exemplar (março a junho de 1947).

Porque o Grupo Sul não desfralda braços dos Ramos, dos Luz, dos Schmidt, dos Konder, dos Bornhausen e, muito menos, dispõe de cadeiras para imortais e, às vezes, mortíferas imortalidades na Academia dos Quarenta, os jovens da Associação da Juventude Proletária Catarinense abrem-lhes as portas e as vozes do seu jornal. Nele, Salim Miguel, no primeiro número, publica uma "Profissão de Fé" modernista.

Instalada no jornal, a gurizada iconoclasta estrutura o "Círculo de Arte Moderna" e se lança ao teatro com peças de Pirandelo, de Bernard Shaw, de Sartre e se aventura no cinema, com "O preço da ilusão" – mais ilusão do que preço! Entre janeiro de 1948 e dezembro de 1957, os trinta números da Revista Sul e os quinze livros escritos e editados pelo Grupo são uma prova da convicção e da energia com que seus integrantes estão mobilizados, embora mais como individualidades do que como Grupo.

Enquanto não for realizada uma análise mais da estrutura estético-filosófica que alimentava a dinâmica dos jovens intelectuais "revolucionários" e menos da conjuntura ideológico-literária que os animava, parece difícil des-velar a profundidade do Novo com que se foram alimentando: novo que morreu por falta de alimento e de força para uma ultrapassagem à própria novidade que foi envelhecendo ao longo de uma década.

Em maio de 1949, Aníbal Nunes Pires define alguns dos princípios que alimenta a dinâmica do Grupo-Círculo:

- contra as definições sistemáticas e contra o pensamento dogmático, seja ele político, religioso ou filosófico;
- pela pesquisa estética e literária;
- completa liberdade nas manifestações artísticas e literárias;
- total ausência de leis fixas ou princípios generalizados;
- produção artística e literária realizada através do trabalho e do estudo;
- direito de trabalhar e de criar dentro do sentido onde cada um se orienta individualmente.

O novo da Revista Sul e do Círculo de Arte Moderna, não resiste à própria resistência anti-acadêmica. E se dá frutos excelentes durante uma

década, não produz sementes para a sua renovação, ou pelo menos, para nascer, dele, uma outra Geração Nova. Os jovens do Varal Literário, brotado em Joinville, com Alcides Buss, ou da Catequese Poética, na Blumenau de Lindolf Bell, andavam de calças curtas ou, ainda, faziam pipi nas fraldas enquanto a turma florianopolitense queimava incensos no altar do Ritmo ou nas fogueiras da Desmetrificação.

Dez anos batendo na mesma tecla gastaram o piano e cansaram a música.

"Acicatado pela reação", o assim chamado Grupo Sul produz, constrói, discute, debate e varre "teias de aranha". Mas, ao final da década, batem-lhe à porta, a decadência, o "mofo acadêmico", e o "modos vivendi" entre os velhos da Academia e os moços do Círculo de Arte Moderna que se tornaram velhos. "Se não mudarmos", termina Eglê Malheiros no penúltimo número da Revista, "passaremos à função decorativa".

A maior contribuição que o Modernismo do Grupo faz desembarcar em nosso Estado é a de colocar em sincronia o pensamento filosófico e literário de Santa Catarina com o Discurso e a Prática do Pensamento estético do Rio de Janeiro, de S. Paulo, da Bahia e do Nordeste.

## **5. Pós-Modernismo de Desempenho**

O Pós-Modernismo, tomado, aqui, o conceito de "pós-moderno" segundo as águas de Jean François Lyotard<sup>14</sup> – para quem o que está em questão não é a Verdade mas o Desempenho –, o Pós-Modernismo em Santa Catarina firma-se dentro dos dois últimos fatores de Perry Anderson indicados mais acima:

- emergência de tecnologias ou inovações chaves decorrentes da Revolução Social, via planejamento do Estado;
- proximidade imaginativa de uma transformação social e cultural com a expansão do Ensino Superior por todo o Estado, a partir dos anos Sessenta.

Em Santa Catarina, parece não haver consciência de uma Geração de 45. Há, isto sim, a presença de dois "momentos" – pré-pós-modernistas? – cronologicamente distanciados na concepção de Arte e do Fazer Literatura.

A partir dos anos 40, no Rio de Janeiro, Maura de Senna Pereira, Marcos Konder Reis e Lucy Assumpção realizam um Poema no qual a força da Poesia e a coragem do Verso abrem uma caminhada estética que

parece acompanhar os mestres dos anos 30: Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e João Cabral de Melo Neto. A partir dos anos 50, e logo após a morte do Grupo Sul, uma nova turma de jovens, reunida em volta da revista "Litoral" e dos mensários "Ilha" e "Roteiro", entra pelas veredas de uma poética em que o rigor da forma-transpiração alimenta um fundo-inspiração de uma Realidade-Poesia que se impregna, mais uma vez, da força dos mestres de 1930. Carlos Ronald Schmidt, Osmar Pisani, Artêmio Zanon, José Curi, Miguel Russowsky (este, em Joaçaba) são os nomes mais fortes deste segundo "momento".

Com o fim do Governo Udenista de Irineu Bornhausen, Jorge Lacerda e Heriberto Hülse, a entrada de Celso Ramos, em 1961, deixa fundas repercussões na mentalidade do Estado e da Sociedade Catarinenses. O novo Chefe do Poder Executivo incorpora o sentido do planejamento oficial para atingir o desenvolvimento, entendido este como o progresso econômico capaz de trazer o bem-estar social, com poucas preocupações para o campo da Cultura ou das Letras. Ivo Silveira (1965-1971) espalha por todo o Estado o curso "Fundamentos da Cultura Catarinense", uma forma de voltar às bases, e, com elas e nelas, discutir Identidade.

Ao lado de uma discreta ação cultural do Estado, escritores, poetas e artistas, a partir dos anos 60, executam um "fazer literário e artístico, muitas vezes em sintonia com o Discurso e a Práxis do País". E se o Grupo Litoral ainda precisa das benesses do Poder para a publicação de sua Revista, movimentos como a Catequese Poética e o Varal Literário vão às praças e às ruas consumindo o Poema, consumindo-se com o Povo e com a Massa.

### 5.1. A regionalidade

Dos sete povos que integram o "arquipélago" catarinense – paulistas, açorianos, alemães, italianos, poloneses, gaúchos, minorias não europeias – a maritimidade deixa marcas de um regionalismo impregnado de sal e de sol na vida dura dos pescadores do Grande Litoral que vai de Barra Velha ao Morro dos Conventos, no Sul.

Na virada do século, Virgílio Várzea sente no Mar o Mito do Grande Herói; nos anos 30-40, Othon d'Eça vai costurando os contos-crônicas de **Homens e algas**, mais algas do que homens; entre os anos 50-60, Salim Miguel, com o romance Rede, mergulha fundo na desigualdade social entre o homem que pesca e o homem que compra e paga mal o suor do pescador e Miro Moraes, com **A coroa** no reino das possibilidades, põe o homem-conflito da Cidade em contacto com o mar e suas marinhas gen-

tes. E se, num primeiro momento, estes dois últimos escritores pareciam encaminhar um regionalismo-do-mar-açoriano, que depois toma outros rumos, o mesmo não se pode dizer de um Almiro Caldeira com *Rocamaranha* e *Arca açoriana* e Flávio José Cardozo com *Singradura* e, nas crônicas de hoje, ainda fiéis à rota da maritimidade.

O Vale do Itajaí – que liga o Mar com a Serra – com águas que sustentam, com vales verdes que alimentam olhos azuis e cabelos louros, com mãos que trabalham a Indústria, está quase inteiro em *A superfície*, de Ricardo Hoffmann; em *O guarda-roupa alemão*, de Lausimar Laus; em *Verde vale*, de Urda A. Kluger. Da mesma autora, *Cruzeiros do Sul* (Lunardelli, 1992, 480p.) mitifica a saga do "homo catarinensis".

Dos campos de S. Joaquim às barrancas do Rio do Peixe, estende-se a vasta região serrano-gauchesca onde, à sombra dos pinheiros, as bombachas, as esporas e o chimarrão se misturam aos causos de "índios" e de campeiradas valentes. E, ainda que o linguajar gauchesco de um Simões Lopes Neto esteja fotografado, apenas, em Tito Carvalho, as terras e as gentes serranas movimentam a ficção de Guido Wilmar Sassi – num primeiro momento –, de um Enéas Athanázio, de um Edson Ubaldo (agora, em S. Paulo), de um Fernando Tokarski (em Canoinhas), de um Márcio Camargo Costa.

Ao lado deste Regionalismo-do-campo, Arnaldo Brandão, David Gonçalves, João Nicolau de Carvalho e José Gonçalves, entre outros, enveredam por uma temática que poderia estar reunida em torno de um "Ruralismo", entendida a expressão como "predomínio" das coisas campestres relativamente às urbanas ou industriais e, onde, a vida rural, as idéias e os comportamentos naturais não se submetem às determinações de uma cultura envolta em rodas e cimento.

## 5.2. A ficção urbana

É na ficção urbana – mais intensa e mais extensa do que o Regionalismo – que vamos encontrar o verdadeiro pós-modernismo, tomado como hipótese de reflexão, o pensamento de Paulo Leminski, para quem, *o que marca a situação típica do artista contemporâneo (...) é o fechamento de horizontes, sem um passado apropriável nem um futuro imaginável, num presente interminável e recorrente.*<sup>15</sup>

E o rolo compressor do Sistema, com seu ritmo frenético de produção, circulação e sucateamento de mercadorias e de idéias vai levando nossos escritores para "o desesperançado enquadramento dos anos 80"<sup>15</sup>, a Década Perdida!

Os personagens solitários de Holdemar Menezes, de Roberto Gomes, de Deonísio da Silva, de Emanuel Medeiros Vieira, de Amílcar Neves e de Herculano Farias Jr. convivem com as figuras neuróticas de Edla van Steen, de Ricardo Hoffmann e de Donald Schuler. O romance policial de Glauco Rodrigues Corrêa e a ficção científica de Silveira Júnior e de Anamaria Kovacs, bem como o indigenismo romântico de **Terra dos carijós**, de Tarcísio Marchiori, abrem caminhos para uma ficção ainda pouco explorada em Santa Catarina.

A sátira de Egas Godinho, a literatura infanto-juvenil de Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks e de Werner Zots, bem como a crônica diária do jornal e da TV nos levariam para longe e para fora dos limites de espaço e tempo deste rápido ensaio.

### 5.3. O Poema

No campo da poesia, o Concretismo, a Poesia Práxis e o Poema Processo de Hugo Mund Jr., de Pinheiro Neto, de José Gomes Neto e o Sincretismo Literário de um sem número de poetas espalhados por todo o Estado não está alcançando a força e o prestígio nacionais da Catequese Poética de Lindolf Bell, em Blumenau e do Varal Literário, de Alcides Buss e seu grupo na UFSC, sem contar o Zen Surrealismo de Cícero Ramalho, Kário Torres e Péricles Prade. Movimentos isolados e passageiros como "Cordão", "Viva a Poesia", "Poemarte", "Sinos de Orleans" e "A Figueira" recolhem e proclamam uma literatura "underground" que mereceria mais atenções do crítico e mais comunicação com o leitor.

### 6. Conclusão: Uma literatura-participação

De tudo quanto disse, até agora, ainda não foi tudo dito. Nossa literatura contemporânea aí está. Está ali fora e, também, fora destas reflexões resumidas.

Mas nós, os professores e os que escrevem, também estamos fora; também estamos em falta. Faltam-nos descobrir formas e fórmulas para que nos sintamos **participação** com aqueles que, mesmo não ocupando a fotocópia do nosso lugar cultural, também são vozes de um discurso literário. E discurso que se proclama tão ou mais importante do que as "liturgias" de um Saber que pode chegar a uma "docta ignorantia" ou, até, um Saber-informação – mero modo de organizar, de estocar, de distribuir um discurso – um Saber, enfim, para impor nosso desempenho com a intenção de que ele se transforme em Verdade no Altar da Devoção!

Há, em Santa Catarina, uma "lógica popular" com fundas raízes no folclore marítimo-açoriano, nas músicas italianas e alemães, nos costumes gauchescos, no modo de ser das minorias, dos negros, dos indígenas, dos analfabetos.

Para esta participatividade, para este sentir-se parte de quem não-escreve-escrevendo, terá que surgir uma nova Ética-Estética, uma nova práxis literária: a práxis do mundo das necessidades e do Desejo dos que não pensam fotocópia do que pensamos e dos que não escrevem como nós pensamos escrever. Terá que surgir no Novo Romance, uma Outra Poética em que "grandes" e "bons" autores possam ser encontrados, no professor primário, no jornalista do "interior", no estudante, no operário, nos homens e nas mulheres do dia-a-dia de nossas ruas e de todas as luas.

Estou a pensar numa espécie de Comunidades Literárias de Base; estou a dizer uma Literatura mais Gente e menos Burguesia Intelectual; mais Participação e, menos, Imposição; mais Vida e menos Escola. Estou a reclamar uma Literatura do sentir-me coletivo; uma Literatura de cantadores e de violeiros; uma Literatura-Rosto, onde o real e o fantástico dos autores-doutores das cátedras universitárias aceitem conviver com o real-fantástico do analfabeto e do "intelectual de rua".

E, aqui, entra, por que não?, a força de todos – autores da Cidade e doutores-sem-voz; autores de livros e fruidores de lavras; autores em liberdade e liberdades para ser autor.

### **Bibliografia e anotações bibliográficas**

1. CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. S. Paulo: Ed. Ática, 1987. p.146.
2. In: Cândido, Antônio. *Op.cit.*, p.201.
3. KUJANSKI, Gilberto de Melo. "Uma questão em debate: a literatura comum". *Convivium*. S. Paulo, 1965, ano IV, n. 7, p.61.
4. CASA DE RUI BARBOSA, org. **Obra crítica de Araripe Júnior**, vol. I. Casa de Rio Barbosa. Brasília: MEC, 1958. p.491-497.
5. COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1960. p.11 e 24.
6. MOOG, Vianna. "Uma interpretação da Literatura Brasileira". **Obras de Vianna Moog**, vol. X. Rio de Janeiro: Ed. Delta, 1966. p.109.
7. \_\_\_\_\_ .*Op.cit.*, p.110.

8. \_\_\_\_\_ . Op.cit., p.110-127.
9. CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos**. 1<sup>a</sup> vol., 2.ed. São Paulo: Livr. Martins Ed., 1965. p.25.
10. Bíblia Sagrada. Gênesis 1,3.
11. JAGUARIBE, Hélio. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 16 de outubro de 1990.
12. Revista **Leia**. São Paulo, junho 1986. p.15.
13. Referência ao poema de Oswald de Andrade: "América do Sul / América do Sol / América do Sal".
14. LYOTARD, Jean François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
15. LEMINSKI, Paulo. Revista **Leia**. São Paulo, junho de 1986, p.16.